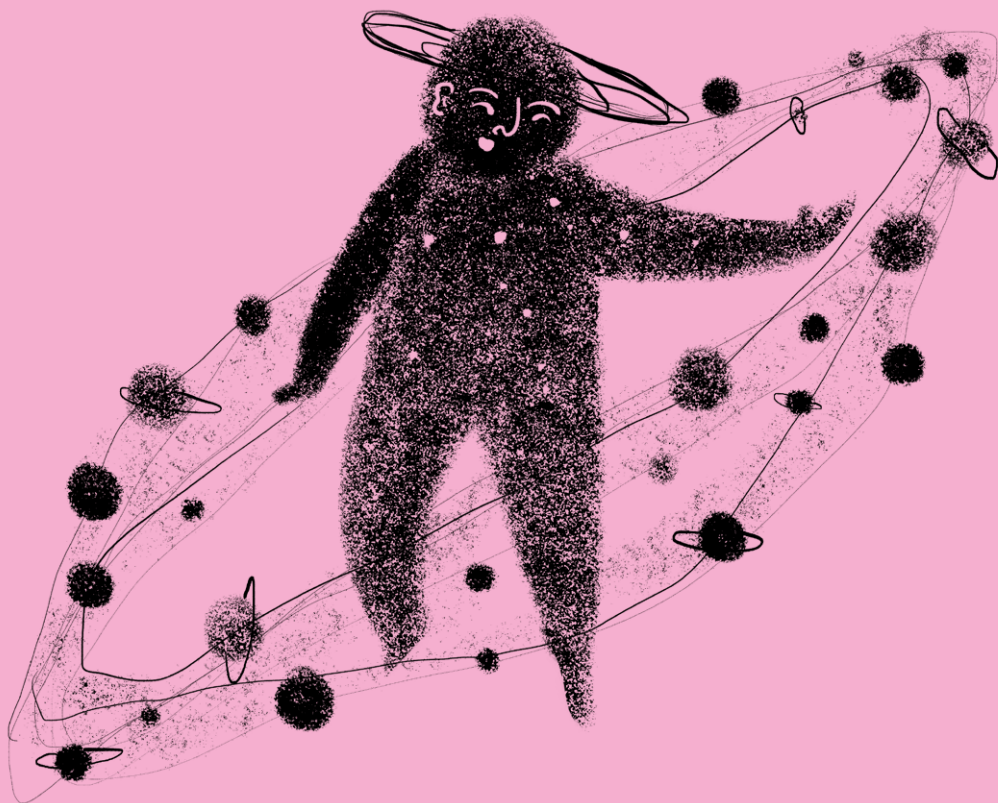


O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ -
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ - COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE ANDROMEDA ANDRÓMEDA - SETOR II

...O Setor II foi explorado pelo navio "Viseu" e seus tripulantes.

Sendo uma combinação de território continental com pequenas ilhas, este Setor apresentou quase sempre algum vestígio humano. A flora, bem como os materiais rochosos, revelaram características muito diversas das da velha Europa.

Foi igualmente notório que parte deste Setor já teria sido ocupado, mas fosse por cataclismo, fosse por causa não conhecida, estava agora parcialmente inabitável ou ao dispor de grupos não nativos.

Foi uma exploração marcada também pelos apelos dos exploradores, nas suas crônicas e na necessidade, expressa, de registrar as suas descobertas. Em meio a tudo isso e ainda assim, algumas surpresas individuais...

O habitat era frequentemente desértico ou com espécimes parecidos aos que conhecemos do deserto. Desertos musicais! E pirâmides! E vulcões; formando, em parte, um arquipélago vulcânico!

Em Andrómeda II, outro elemento se destaca sobre os demais: os animais. Ou antes, a fauna mesclada que só se conseguiu descrever por associação e comparação, entre o conhecido e o que foi visto, pelos exploradores.

*Ao anónimo anotador das descrições,
pertencem os itálicos que pontuam os textos.*

Quando os navios começaram a separar-se e a permitir aos exploradores que seguissem os seus caminhos, fiquei junto a uma nova área. Desembarcaram-me.

Eu fiz uma viagem até que cheguei a uma aldeia pequena e quando cheguei lá, não havia ninguém na rua. À entrada da aldeia havia uma placa a dizer: “Bem-vindo a Holdenad”. Na estrada havia carros destruídos e queimados. E nas casas – Ui! – havia janelas partidas, paredes esburacadas, telhados rachados... Quando lá entrei estava tudo desarrumado: móveis partidos e deitados ao chão, camas com lençóis rasgados e portas deitadas abaixo.

As casas eram todas diferentes, mas tinham uma coisa em comum: todas tinham esqueletos deitados nas camas, sentados no chão, dentro de armários, na janela. Até na Câmara Municipal havia guardas em esqueleto e o presidente de Holdenad em esqueleto deitado sobre a sua secretária.

Eu penso que todas as pessoas de Holdenad morreram e antes de morrerem destruíram tudo o que havia na aldeia, sobrando só destruição e esqueletos, por toda a parte.

Como já não havia pessoas na aldeia eu fui-me embora e quando cheguei ao navio – de nome “Viseu” – contei a toda a gente o que vi. Enchi o convés de pessoas, que empurravam, gritavam, davam cotoveladas... Até parecia que estava lá o Presidente! Aliás, de tantas pessoas naquele convés, tive de subir ao cesto da gávea com colunas, microfone e tudo para me verem e ouvirem.

Havia pessoas muito loucas que queriam saber sobre várias coisas como novos países. Eu contei-lhes tudo sobre a aldeia abandonada de Holdenad e eles disseram que a parte dos esqueletos era inventada e que eu teria de tirar uma fotografia para eles acreditarem.

Eu não fiz o que eles disseram. Simplesmente mandei-os até lá, para verem com os seus próprios olhos e quando eles viram aquilo desataram a fugir e a gritar: Socorro! Socorro!

Aquela lição foi para ninguém desconfiar do que é verdadeiro por isso acreditem, se não...

Título: Descrição Anotada das Viagens d’O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães

Autores: Afonso Teixeira Almeida, Antonella de Paula Rodrigues, Antónia Petry Morselli, Artur Barbosa Cunha, Camila Rodrigues Paralta, Daniela Correia Gonçalves, Diogo José Cardoso Madeira, Eduarda Maria Cardoso da Cruz, Eva Magalhães Paiva Lopes, Gabriel Esteves Ferreira, Inês Rodrigues Azevedo, Maria Inês Silva Barros, Matilda Isabel da Silva Sequeira, Nádía Quadros Leal, Núria Esteves Alves, Sofia Almeida Nunes, Telma Rodrigues Nunes Branco [Escola Básica da Ribeira, 3.º A (Andrómeda – Setor II)]

Edição: Edição e Anotações: R. M. Ribeiro

Depósito Legal:

Impressão: Tipografia Beira Alta

O Projeto-Piloto de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival “Mescla”, a 07/07/2019.

A Fase 1 de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” inicia-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães.

Viseu. Setembro, 2019.

A CIDADE DA IMAGINAÇÃO

Depois de algumas horas de viagem por um rio navegável, cheguei a uma cidade que se chamava a Cidade da Imaginação.

Lá, na Cidade da Imaginação havia um castelo de doces no centro, e à volta do castelo havia marionetas da cor do arco íris. Havia animais como o coelho-maça que tinha cabeça de macaco e corpo de coelho. Aquela cidade só me fazia rir.

A relva era feita de gomas de morango e as árvores eram lápis com um pompom em cima e tinham vida.

Havia um restaurante cheio de comida deliciosa como o prato com massa e maionese por cima.

Havia uma floresta divertida com muitos animais engraçados como a Pacobra, que tinha pernas de pato e corpo de cobra. Ao pé da floresta havia muitas flores. Cada flor tinha o nome de uma pessoa e as flores eram da cor do arco-íris.

O Sol era muito divertido, tinha vida e usava uns óculos pretos. Se se olhasse para ele, o Sol dizia-nos uma piada e nós desatávamos a rir. As nuvens cantavam, brincavam, saltavam e eram feitas de algodão doce e tinham vida – como tudo o resto na cidade. Havia muitas nuvens cor de rosa, amarelas, vermelhas, azuis, laranja, ou seja, da cor do arco-íris.

EDUARDASERTO

Um dia eu fui a um deserto chamado Eduardaserto.

O dia começou normalmente, mas com o aproximar de terra apercebi-me de que a temperatura era mais elevada.

Nesse dia havia muito calor e eu fiz um percurso com o barco. Eu não aguentava e pedi ajuda porque os remos eram muito pesados e eu quase que não lhes conseguia pegar. Era divertido, mas ao mesmo tempo não. No meio da viagem eu pedi uma garrafa de água, mas não havia. Continuei, continuei, até que cheguei ao deserto Eduardaserto.

Saí do barco.

Eu fui lá investigar e vi uma arca do tesouro, vi gatos com picos muito afiados e várias flores. Aquilo era muito cansativo, mas eu continuei e vi uma coisa muito estranha, vi gatos a dançar, arcas a dançar e várias coisas. *Tudo dançava no Eduardaserto.*

Depois vi uma fonte com água potável, bebi, bebi até me saciar.

Do deserto, estava farta, mas não desistia! Era um calor imenso: o Sol estava a brilhar tanto que até estava corado e eu tinha a certeza de que aquele deserto era o melhor de todos, até tinha animais! Os animais eram muito ansiosos era por isso que eles tinham nomes diferentes.

Fiquei alguns dias naquela área e sempre que eu ia lá, ao deserto, os animais ficavam muito felizes e também ao mesmo tempo as arcas e os gatos ficavam felizes!

Até que já era hora de regressar. Nessa parte fiquei muito triste. Era difícil, mas tinha de ser!

Por momentos, no entanto, não sabia se conseguiria regressar ao navio, mas eu pensei que ia chegar a tempo e cheguei, pois, se eu dizia uma coisa tornava-se realidade.

Até que cheguei sã e salva!

A CASA ASSOMBRADA NO TOPO DA COLINA

O bote, no qual eu saí do navio, aproximou-se do litoral e deixou-me junto a uma colina.

Eu encontrei uma casa assombrada no cimo da colina. Nessa casa assombrada havia muitas coisas interessantes – *no exterior*. Quando entrei, as tábuas e as janelas estavam todas partidas, e a lareira toda preta.

Subi as escadas e no fim de as subir, parecia que estava lá um fantasma, mas era um cabide com roupa. Entrei num quarto onde estava tudo partido menos um armário. Quando abri o armário estavam lá morcegos.

Depois quando eu ia a descer as escadas estava lá – no andar de baixo – um assassino com outro homem. Fiquei a ver.

Sei que era um assassino porque tinha um boné com um autocolante a afirmar isso mesmo!

Ele foi à lareira, tirou um bloco e estava lá um saco cheio de dinheiro. Ele também retirou uma picareta e escavou num canto. Enquanto estava a escavar partiu alguma coisa. Continuou a escavar e tirou uma caixa cheia de dinheiro. Ele levou essa caixa – sempre acompanhado pelo outro homem - e eu segui-os, mas depois perdi-os de vista.

Entretanto ouvi alguém a afirmar que tinha escondido essa caixa numa gruta atrás do cemitério. *Já era tarde e decidi dormir na casa assombrada.*

No dia seguinte fui a essa gruta. Lá dentro, andei e andei, até que encontrei poças de água muito pequeninas. Continuei a andar e a andar, até que encontrei um beco sem saída então comecei a escavar aí e encontrei uma caixa.

Quando regresssei ao navio, despejei a caixa cheia de moedas de ouro.

Enviei uma mensagem – por pombo-correio: a minha mãe ficou admirada e ficámos muito ricas.

ILHA DAS ÁRVORES

Foi a quinze de junho que encontrei a Ilha das Árvores. Esta Ilha fica localizada no oceano, mas já bem perto de um continente.

Quando lá cheguei vi coisas maravilhosas: flores dançarinas com saias havaianas, bananas em forma de triângulos e que cantavam. As encostas grandes tinham sumo de laranja que corria em regatos. As montanhas altas andavam de um lado para o outro, até parecia que estavam a dançar. Mas o que havia em maior quantidade eram árvores de fruto: de cerejas com sabor a limão, maçã com sabor a laranja, melancia com sabor a pera...

Havia todo o tipo de animais nesta Ilha. Tal como a Giracaco que é uma girafa com cabeça e cauda de macaco, ou a Raposelho, que é uma raposa com orelhas de coelho, ou ainda o patão que é um pato com juba de leão...

Aqui, encontrei apenas uma pessoa. Há muitos anos o barco onde essa pessoa viajava afundou-se e foi parar àquela Ilha. Ela gostou tanto do que viu que nunca mais quis ir embora. Fui falar com a senhora, ela era simpática e tinha comida de cinco estrelas.

Seguindo a pé, prossegui viagem. Vi muita areia argilosa, de cor branca e cinzenta.

Encontrei uma casa feita de árvores e de frutos, que servia para os animais a comerem. *Não sei se alguém a terá construído ou se era uma construção natural.*

Aprendi a dançar com as flores, a cantar com as bananas e bebi um pouco de sumo de laranja. Por toda a ilha, andei, andei e encontrei rochas com roupas: o granito com sapatos, o calcário com vestido e a argila com óculos. Também vi folhas que andavam de pernas para o ar. As formigas andavam como pessoas. Havia peixes do mar a apanhar banhos de sol na areia argilosa. Naquela Ilha havia muito ar puro, porque havia plantas e mais plantas.

Apesar de tudo, em breve voltei ao navio “Viseu”, para contar a minha aventura!

A ILHA DOS CATOS COLORIDOS

Um dia fui a uma ilha sem nome e chamei-lhe Ilha dos Catos Coloridos porque tinha muitos gatos de vários tons diferentes. Lá havia gatos vermelhos, laranja, amarelos, verdes, azuis, roxos, rosa, etc... Os gatos de lá dançavam a música “Macarena” e também tinham óculos de sol. Cada um dos gatos tinha uma folha comestível e, com essas folhas, fiz uma sanduiche que estava ótima.

Havia lá um camelo de todas as cores do arco-íris e era ele que tomava conta dos gatos. O camelo comia os cocos que havia nas palmeiras. Havia lá cem gatos no mínimo. O camelo devia ter muito trabalho para tomar conta de cem gatos.

O camelo tinha duas bossas, mas umas bossas diferentes já que eram parecidas com os gatos coloridos. Numa bossa o camelo tinha escrito o seu nome que era Catocores. O nome dele era apropriado à profissão que ele tinha.

Lá havia um búzio que tinha uma coluna dentro dele. Eu vi lá três gatos que estavam a saltar à corda e que ao mesmo tempo estavam a dançar.

Depois e ao fundo, vi lá um mar. Um mar que não era azul. Era da cor do ouro, ou seja, de cor dourada: um amarelo torrado brilhante.

Eu achei a Ilha dos Catos coloridos o máximo.

MUNDO PERDIDO

Numa noite escura e fria, saí do navio para fazer novas descobertas, quando notei que fui parar a uma espécie de ilha pequena sem habitat definido e com vários tipos de animais. O mais estranho é que, *naquela ilha*, havia um castelo enorme, todo estragado, com as pedras a cair e as janelas todas partidas.

Antes de entrar eu parei para pensar se ali poderia haver um cadáver, monstros ou até um animal carnívoro que me podia matar. Mas como explorador eu não podia desistir.

No primeiro andar do castelo havia seis quartos com armas e “coisas” para que quem morasse naquele castelo se pudesse defender. No segundo a mesma coisa e no terceiro, o pior de todos, havia cadáveres, monstros e animais carnívoros com dentes que mediam 10 centímetros!

No castelo havia ainda uma gaiola de 60 metros quadrados onde estava um enorme dragão laranja e preto com olhos penetrantes e brilhantes.

Depois de percorrer o castelo inteiro, fui à procura do centro da ilha. Quando cheguei vi um bando de leões misturados com coelhos e tigres misturados com girafas a que resolvi dar o nome de Gigre. Um pouco mais à direita, havia um muro de pedras coloridas com uma porta rosa, em que eu entrei.

Após cerca de dez passos em frente, avistei uma floresta encantada. Aproximei-me e confirmei se tinha deixado algum rasto. Não tinha! Entrei na floresta e comecei a escutar uma música de fadas. Um pouco mais à frente avistei uma fadinha rosa, uma azul e outra toda colorida. Ao chegar ao fim da floresta, resolvi voltar, mas tive de correr porque tinha visto uma nave espacial com alienígenas a comer um Gigre!

Quando cheguei ao barco pensei que não tinha arranjado nenhum documento da ilha. Quando contasse às pessoas, elas não iam acreditar. Então voltei ao castelo e tirei fotos de todos os pormenores. Depois de ter tirado as fotos voltei ao meu barco e zarpámos rumo ao mar azul. Quando já estava bem longe lembrei-me de dar um nome à ilha que foi Mundo Perdido.

A ALDEIA MISTERIOSA

Encontrei uma terra desabitada e dei-lhe o nome de Aldeia Misteriosa. Na Aldeia Misteriosa havia árvores roxas e falantes, o chão era feito de telemóveis andantes, as nuvens eram algodão e também havia árvores cujo fruto eram notas.

Havia uma parte em que os lápis e as borrachas estavam sempre a discutir.

Eu encontrei um arbusto parecido aos morangueiros, que dava moedas e caíam num buraco que ia dar a uma piscina de moedas.

Na Aldeia Misteriosa encontrei uma gruta com um animal que era metade pica-pau e metade girafa e chamei-lhe Girapau.

Havia balões cheios de pedras que partiam tudo em que tocavam. A Aldeia Misteriosa tinha um lago feito de gomas brancas.

Eu dei conta de uma mesa, que parecia ser feita de madeira, mas era verde. *Não se parecia com qualquer das madeiras que eu conhecia.*

Depois vi um mar que era feito de milhares de papagaios verdes e vermelhos. *E mais afastada,* vi uma árvore de duzentos metros de altura com tocas para todos os Girapaus que existiam na Aldeia Misteriosa.

Havia também umas pirâmides, parecidas com as que há no Egipto, mas eram vermelhas. Lá dei conta de alguns monstros que desapareciam quando era noite. Dei-me conta, ainda, de que na Aldeia Misteriosa havia uma rocha gigante que tinha pinturas verdes, amarelas, roxas e vermelhas.

A última coisa que eu vi na Aldeia Misteriosa foi uma estátua de vinte elefantes que tinha tudo o que eu tinha visto lá.

ILHA DOS COCOS

Com o navio atracado, fui passear de jangada e encontrei uma ilha muito bonita. Tinha muitos coqueiros e muitas bananeiras.

Como estava muito calor fui para a sombra de um coqueiro e quando tinha fome comia uma banana, se tinha sede abria um coco e bebia a sua água e depois comia o coco. Se começasse a ficar calor, mesmo se à sombra do coqueiro, ia dar um mergulho para o mar.

Quando anoiteceu fiz uma cama e uns lençóis - para dormir - com as folhas do coqueiro. Como a ilha não tinha ninguém a quem perguntar o seu nome decidi dar-lhe eu e dei-lhe o nome de Ilha dos Cocos porque havia muitos coqueiros com cocos.

Passaram-se dias, e eu lá fiquei para descobrir todas as suas maravilhas até um dia poder anunciar tudo o que vi.

{Anos mais tarde, quando regressei, todo o mundo ficou a saber o que aconteceu e aquela ilha acabou por ficar famosa, como eu. Fizeram-me entrevistas a perguntar o que havia na ilha e o que eu vi.

Fiquei, durante anos, famosa e depois toda a gente quis ir comigo ver a ilha. As pessoas que me perguntaram se eu queria ir com elas era porque não tinham jangada. Eu deixei-as ir comigo, mas não dava para irmos todos, por isso fui com um de cada vez.

A notícia de que eu tinha estado na ilha foi deixando, aos poucos, de ser espalhada, então eu deixei de ficar famosa. Eu e a ilha! Mas não me importei e fui viver para a ilha!}

A CIDADE DESERTA

Quando saí do barco, fui até uma cidade deserta.

Nesta cidade havia gatos com cabeças iguais às das vacas, gatos que falavam, cantavam e dançavam e todos com uma flor cor de rosa comestível. Havia ainda areias movediças e pirâmides como as do Egito de todas as formas e dimensões diferentes – *ainda que piramidais!*

Na Avenida Principal existiam casas esquisitas e no final da avenida um convento assombrado onde se ouviam vários sons estridentes.

As árvores tinham formas imponentes e ao serem agitadas pelo vento pareciam monstros a moverem-se.

Esta cidade parecia saída de um filme onde tudo era possível acontecer e de todas as formas e feitios. Do mesmo modo que me sentia um pouco assustada com tanta coisa estranha, também estava contente por descobri-la e feliz por ter realizado esta viagem.

A ILHA DAS PEDRAS DE VULCÕES

Cheguei a uma ilha onde havia pedras de vulcões e vulcões.

Apanhei algumas. Lá também havia gatos, mas não eram uns gatos quaisquer, não tinham espinhos! Também levei um!

Havia pirâmides e outros sólidos geométricos. O prisma triangular era alto. O cubo tinha muito espaço dos lados, em cima e em baixo. O paralelepípedo era o que tinha mais espaço nos lados. Ainda assim, o cilindro era como todos os outros sólidos juntos, quanto ao espaço que ocupava.

Entreí no cilindro e vi a maior pedra e mais brilhante de todas, levei-a comigo. Mas um monte de areia foi a rebolar contra mim. Eu corri, entreí no barco e escondi-me, mas deixei cair a pedra. Fui – num salto – buscá-la e o monte quase bateu contra mim.

Como estava fora da segurança do barco, corri! Corri tanto que cheguei a uma cidade e essa cidade não era como as cidades normais. Era uma cidade pobre. Eu dei às pessoas algumas das minhas pedras de vulcões e elas foram comprando mais coisas e comendo mais, só que às vezes andavam à bulha. Eu dizia para pararem, mas de nada adiantava! Disse-lhes onde havia mais pedras de vulcões para nunca mais se chatearem.

Eu continuei com a maior pedra e levei-a comigo quando finalmente regresssei ao barco. O meu barco tinha a mesma forma que a pedra. Encaixei-a no barco e este transformou-se num barco a motor para andar mais depressa.

Viajei até outra ilha e fiquei lá três meses. Mas essa outra ilha já tinha sido explorada por outros.

A ILHA COLORIDA

Depois de uma longa viagem cheguei a terra e a primeira coisa que vi foi areia cor de rosa: macia e composta por pequeníssimos grãos. O nome da ilha era Ilha Colorida.

Depois de andar um pouco mais, vi um mar amarelo. Era amarelo escuro e as suas ondas eram fortes e chegavam cada vez mais perto. Havia muitas nuvens e eram verdes. Cada uma de um tom distinto. Em cima de uma, estava um Pteravalo, animal com cabeça e pernas de cavalo e asas e tronco de pterodáctilo. De repente, surgiu uma onda muito forte que atingiu metade da areia da ilha tornando-a cor de laranja. *Consegui abrigar-me!*

Depois de chegar ao fim da ilha, vi no mar cinco sereias. Uma com a cauda verde-mar, outra azul, a terceira com a cauda vermelha, a quarta com a cauda rosa fluorescente e a última com cauda dourada. A cor da cauda de cada uma era da mesma cor do cabelo. No mar havia também os Vacafinhos, que eram golfinhos com cabeça de vaca. Na ilha, parecia não haver outras pessoas, só sereias.

Continuei até que cheguei a uma parte da ilha onde tudo mudou. Havia pedras em vez de areia, relva em vez de água e uma mansão que parecia abandonada e assombrada e não estava em boas condições. As telhas eram pretas e estavam soltas, as paredes tinham manchas de algo preto, a porta parecia gemer quando se movia e à volta havia túmulos. Eu entrei e o portão começou a mexer sozinho. Quase caí. Os pisos estavam partidos e havia uns zombies: zombies sereias!

Na casa havia um tapete vermelho todo rasgado e em frente uma escada partida. No topo da escada um quadro que mexia os olhos: para onde eu ia, seguiam-me! Em frente uma sala com quatro fantasmas e a seguir uma cozinha com pratos, garrafas, colheres e facas a voar. Aquela casa não tinha nome.

Resolvi então voltar para a parte conhecida da Ilha Colorida. Quando voltei já havia outras pessoas - e comida! - e consegui perceber que a comida típica de lá era um tipo de massa colorida com uma flor. Era bom!

A ILHA DO VULCÃO MARSHO

Quando a expedição se separou, eu fui numa embarcação à descoberta de novos sítios. Quando saímos pelo mar não sabíamos o que íamos encontrar. Era um barco médio com velas vermelhas e brancas e toda a tripulação era muito simpática. Depois de alguns dias avistámos ao longe uma ilha.

Aproximámo-nos e ancorámos o barco. Quando saímos vimos um vulcão gigante, muitos pássaros e árvores com folhas de todas as cores. Ali era tudo diferente, o vulcão nem sequer era de lava: deitava marshmallows! Demos-lhe o nome de Ilha do Vulcão Marsho!

Vimos embora cheios de doces e muito felizes pela descoberta. *E com algumas dores de dentes?!...*

Na ilha também havia unicórnios, pessoas feitas de doces, árvores feitas de algodão doce, casas feitas de doces, rios feitos de algodão, cães feitos de gomas e gatos feitos de marshmallows.

A Ilha do Vulcão Marsho é uma ilha onde nunca ninguém foi antes de nós, por isso eu passei a ser Eva a exploradora da Ilha do Vulcão Marsho.

A ILHA JURÁSSICA

Chegado a uma ilha muito, mas muito, distante decidi explorá-la. Como eu achava que ninguém tinha chegado aquela ilha decidi chamar-me Ilha Jurássica, porque tinha muitas árvores e muitas coisas que eu não tinha visto e pareciam do tempo dos dinossauros.

Passado algum tempo, subitamente, ouvi um rugido vindo do meio das árvores. Espreitei e era um Picaronte a lutar com um Touraptor. Como tinha muito medo de me magoar fui-me embora ver mais coisas.

Fui caminhando e encontrei uma ribeira, aproximei-me devagar e de repente saiu da água um Tubaleia e eu fugi logo porque ele queria-me para o seu pequeno-almoço.

Eu fui caminhando e olhando para as nuvens e subitamente vi um Peteroáguia e eu, como sempre, fugi.

Pensei ir até ao centro da ilha e, quando lá cheguei, encontrei um Piracão – *uma espécie de vulcão em forma de pirâmide* – que estava prestes a entrar em erupção, mas foi estranho: em vez de deitar lava deitou areia.

Continuei e vi um Metiosol (*um tipo de meteorito*) a cair do céu. Rapidamente fugi – *imaginando que ficar ali não seria seguro* – mas os dinossauros não se importaram – *e continuaram como estavam*. Tentei chamá-los à atenção, mas não resultou. O Metiosol estava a centímetros de cair do céu e acertou num Touraptor e ele morreu. Todos os dinossauros foram à cerimónia, mas eu, com a minha inteligência, construí uma cápsula, *para que nunca mais se repetisse algo assim*.

Primeiro tive de recolher análises do Metiosol, mas estava demasiado quente e eu achei que se tocasse no Metiosol ia morrer. Por isso fui pedir ao Picaronte para deitar uma árvore abaixo e a seguir fui empurrar o Metiosol até ao ribeiro para o molhar. E quando o Metiosol já não estava quente, recolhi análises.

Consegui construir a cápsula e fiz um teste. Resultou e mais nenhum dinossauro se magoou!

ILHA VULCÂNICA

Cheguei a uma ilha muito bonita onde ninguém tinha ido porque não havia casas nem carros era só uma ilha vulcânica. Na ilha vulcânica havia um vulcão muito grande e, na encosta, havia catos com todos os tons de verde e cada um tinha por cima uma mini flor cor-de-rosa. Também encontrei flores especiais de cores diferentes a que dei diferentes nomes.

Depois, peguei na minha flor enterrei-a na terra, deitei-lhe água por cima, para a regar. Passado algum tempo nasceram flores de cores diferentes como azul e amarelo, roxo e vermelho, rosa e amarelo, laranja e verde, branco e azul, verde e roxo, vermelho e rosa, preto e roxo, vermelho e castanho e muitas mais. Elas nasceram muito rapidamente e muito coloridas porque o terreno era muito fértil e especial. A ilha vulcânica passou a ter muitas plantas de muitas cores.

Depois eu fui para perto do vulcão e encontrei certos catos com todos os tons de verde. Eles estavam numa das encostas e tornavam-na muito colorida. Subi pela encosta até ao topo do vulcão.

Gostei muito de ver de um lado da encosta os catos em tons diferentes de verde e do outro lado da encosta as flores coloridas. Era uma vista muito linda! *Registei o que vi e as experiências realizadas e voltei para o navio.*

Avistei uma ilha bem no meio do Oceano.

A Docelândia – *como a chamei* – é um país feito de doces, e isso é super-divertido porque nunca ninguém tem fome, *já que aqui e ao contrário do que conhecia, os doces são nutritivos*. O que eu mais gosto aqui é que se comermos os doces eles voltam a crescer. A única coisa que não é feita de doces são os animais.

Os animais são de cores diferentes, têm nomes de doces e também falam. Alguns dos nomes dos animais são: caramelo, panqueca, queque, brigadeiro e leite creme. As casas também são feitas de doces, as paredes de chocolate branco, as camas são fofas porque são de algodão doce azul, os telhados são feitos de alcaçuz, as janelas são feitas de rebuçados bola de neve e as mesas de toblerrone.

Os parques não são exceção: os escorregas são feitos de pipocas, os baloiços de chupa-chupas, mas os assentos são de caramelos, os balancés de gomas e os brinquedos de mola de chocolate.

Este país é ótimo porque os doces não fazem mal, ou seja, podemos comer os que quisermos.

Eu encontrei um restaurante, que é o único do país que não serve doces, este restaurante chama-se Pizza-Hutt. Lá só servem pizza, salada, hambúrgueres e batatas. Este restaurante é engraçado porque quem serve são os animais. Fui lá hoje – *no dia em que escrevo* – e a comida é muito boa.

Vou sentir muitas saudades deste país, mas agora tenho que continuar a minha viagem. Vou levar muitos doces para a viagem e vou contar a todos sobre o país que encontrei porque não podemos ser invejosos. Também vou tirar uma foto como prova.

Na minha viagem eu fui até uma ilha, *que se via ao longe*. Depois de várias horas a navegar cheguei a essa tal ilha.

Ao sair do barco não vi humanos. Era uma ilha deserta. Mas vi árvores de troncos castanho escuro e copas verdes claras. Eram muito grandes. E marcavam um caminho no chão.

Comecei a caminhar... estava tudo cheio de árvores e ao parar encontrei um jardim com animais e humanos. Nesse parque havia gatos verdes com várias formas e flores com cores e formas diferentes. Ao perguntar o que se passava disseram-me que era um hotel cinco estrelas.

Então entrei e almocei uma refeição que me pareceu estranha. Eram maçãs quadradas, carne circular, uma salada de ananás verde, batata velha e um pudim de laranja e chocolate. Era um almoço invulgar, mas delicioso.

Após o almoço fui passear para o parque durante algumas horas. Até fui à piscina que era um pouco esquisita – em forma de gato e toda verde. Tive ainda a oportunidade de frequentar o jacúzi que era triangular e vermelho.

A despedida foi má e triste. Custou-me deixar aquela gastronomia da ilha, que afinal não era como eu pensava, pois não era só uma ilha deserta como parecia. Era uma ilha habitada por pessoas, animais e plantas de várias nacionalidades, cores e formas.

APOIO



MUNICÍPIO DE
VISEU

FINANCIAMENTO

VISEU



ESTA PUBLICAÇÃO FOI ORIGINALMENTE DESENVOLVIDA E APRESENTADA
NO ÂMBITO DO FESTIVAL MESCLA, COM O APOIO DO MUNICÍPIO DE VISEU